

**A ÚLTIMA GUERRA DA CHINA Reflexões sobre o
conflito Sino-Vietnamita de 1979.**

DOI [10.29327/230731.12.24-5](https://doi.org/10.29327/230731.12.24-5)

Carlos Roberto Carvalho Daróz¹

Resumo: Na alvorada do século XXI, a China se apresenta no cenário mundial como uma potência econômica, populacional e militar, projetando-se como um dos mais promissores países em um futuro próximo. Tal condição, no entanto, contrasta com o discutível desempenho de suas forças militares no último conflito do qual tomou parte: a breve Guerra Sino-Vietnamita de 1979. A última guerra da China terminou sem um vencedor claramente definido, abrindo o caminho para uma desafiadora transição entre os séculos XX e XXI, quando o País se posiciona como potência de primeira grandeza no cenário mundial. O propósito do presente artigo consiste em analisar a guerra limitada entre China e Vietnã, estudar sua influência para a estratégia e a geopolítica dos países do Sudeste Asiático, bem como avaliar o desempenho das forças militares chinesas no último conflito em que o país participou. **Palavras-chave:** Ásia, geopolítica, estratégia, Guerra Sino-Vietnamita, história militar.

“Países não têm amigos, têm interesses.”
(John Foster Dulles)

Na manhã de 1º de outubro de 2019, os chineses comemoraram os 70 anos de sua República Popular com o maior desfile militar jamais realizado no país. Claramente uma demonstração de força, na ocasião o presidente Xi Jinping, além de líderes atuais e anteriores do país, surgiram na mesma varanda onde Mao Tsé-Tung proclamou a República. Em seguida, cerca de 15 mil soldados e marinheiros marcharam através da Praça da Paz Celestial, em Beijing, dando ao mundo de uma demonstração de poderio bélico, que incluiu o recém-revelado Dongfeng 41, novo tipo de míssil balístico intercontinental capaz de atingir qualquer parte do território da América do Norte.²

Nesse alvorecer do século XXI, a China emerge como uma potência global que utiliza estrategicamente, dentre outras potencialidades, sua imensa população, sua capacidade econômica e seu efervescente poder militar, para

¹ Doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense. Professor do Curso de pós-graduação em História Militar da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul); pesquisador-chefe da Seção de Memória Institucional do Centro de Estudos e Pesquisas em História Militar do Exército (CEPHiMEEx).

² CHINA comemora 70 anos com grande desfile militar. *Agência Brasil*, Brasília, 1 out. 2019. Disponível

expandir e atingir seus objetivos nacionais, que, frequentemente, abrangem continentes distantes da Ásia.³ Tal movimento de ampliação de sua zona de influência em áreas estratégicas globais foi percebido por Jackson Wong

Em 2017, a China anunciou a ativação de sua primeira base militar fora do país, localizada no Djibuti, pequeno Estado situado no nordeste da África, junto ao Estreito de Bab el Mandeb, porta de acesso ao Mar Vermelho e ao Canal de Suez, importantes ligações entre o Mar Mediterrâneo e os Oceanos Índico e Pacífico. Esse fato vem acompanhado de outros recentes, tais como o lançamento do projeto da Nova Rota da Seda, o aumento da tensão no Mar do Sul da China e a ampliação do poderio naval chinês, diretamente relacionados às necessidades de segurança daquele país. (WONG, 2019)

Além da base de Bab el Mandeb, de acordo com relatos da mídia chinesa, 18 bases navais chinesas estão sendo construídas no exterior, instaladas em diferentes regiões, como Paquistão, Sri Lanka e Mianmar no Oceano Índico Setentrional; Iêmen, Omã, Quênia, Tanzânia e Moçambique, no oeste do Oceano Índico; Namíbia, na África Ocidental, e Seychelles e Madagascar no centro do Oceano Índico Sul (GALANTE, 2014).

Essa emergência contemporânea da China como potência militar, no entanto, contrasta com sua última participação em um conflito armado, no qual o desempenho de suas forças militares foi, no mínimo, questionável, visto que, mesmo com substancial superioridade material e bélica, não atingiu a totalidade de seus objetivos, sendo repelidas por tropas numérica e tecnicamente inferiores. Em 1979, na última guerra da China, o país e o Vietnã recém-unificado envolveram-se em um conflito fronteiriço de curta duração, que pôs em questão a hegemonia geopolítica chinesa no Sudeste Asiático, e demonstrou a fragilidade de seu imenso exército (MONTESSORO, 2004).

O presente artigo tem como propósito revisitar a guerra limitada entre a China e o Vietnã no último ano da década de 1970, estudar sua influência para a estratégia e a geopolítica dos países do Sudeste Asiático, bem como analisar o desempenho das forças militares chinesas no último enfrentamento bélico no qual o país tomou parte.

³ Nesse escopo, situa-se a grande base naval chinesa em Djibouti, no Chifre da África, região de expressiva importância geopolítica que liga o Mar Vermelho ao Golfo de Aden.

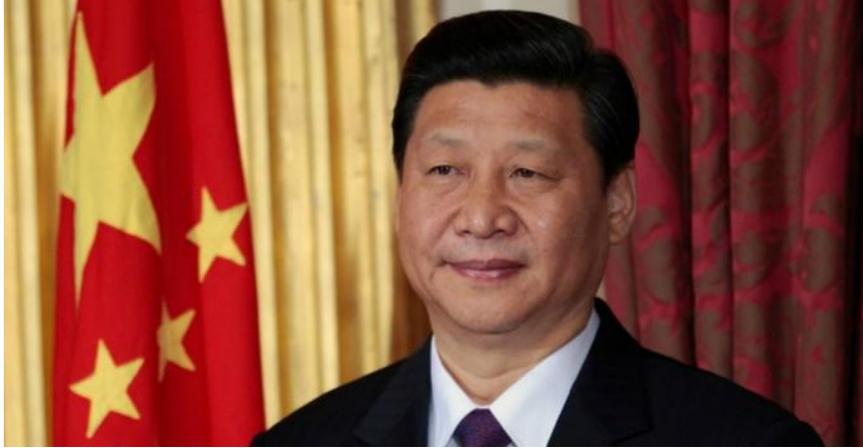
UMA HEGEMONIA REGIONAL ASIÁTICA

Os remotos vales e montanhas da província de Cao Bằng, no Vietnã, são lugares pacíficos, ricos em recursos naturais e lar dos povos Tay, Nung, Dao e Hmong. A província fica junto à fronteira sino-vietnamita e, em 1979, estava à beira de uma disputa territorial que definiria a política estratégica e a geopolítica do sudeste da Ásia na época, com reflexos até os dias atuais (McBETH, 1980).

A rivalidade secular entre a China e o Vietnã foi relegada a um segundo plano na década de 1940, quando o líder chinês Mao Tsé-Tung e o norte-vietnamita Ho Chi Min estabeleceram um objetivo comum: resistir à agressiva dominação japonesa em seus países. Em uma perspectiva diversa, já no quadro da Guerra Fria, no pós-1945, a aproximação entre a China e os Estados Unidos da América (EUA) em 1972, no momento em que o Vietnã do Norte era duramente bombardeado por aeronaves norte-americanas, estreitou os laços diplomáticos entre Hanói e Moscou.

O secretário-geral do Partido Comunista Chinês Deng Xiaoping (Figura 1) era um líder altamente racional, que compreendia a arte da estratégia melhor do que a maioria de seus antecessores. Quando assumiu o governo chinês, em 1978, logo verificou que seu país precisava urgentemente de modernização e de reformas domésticas (MACLAREN, 2019). A China estava sendo ameaçada tanto ao Norte – por uma União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) no auge de seu poderio militar – quanto ao Sul, onde o Vietnã unificado ganhava força, sob a proteção de seu parceiro soviético. Após disputas fronteiriças no final da década de 1960, o relacionamento de Beijing com a URSS estava em baixa, enquanto as relações com Hanói vinham se deteriorando constantemente desde o final da Guerra do Vietnã e a retirada dos EUA da Indochina.

Figura 1 – Deng Xiaoping, líder reformista que procurou estabelecer um ambiente regional e internacional estável, para realizar transformações domésticas.



Fonte: CHING, Frank. China: Deng Xiaoping era ends with start of Xi era. *Ejinsight*, Hong Kong, 6 set. 2018. Disponível em <<http://www.ejinsight.com/20180906-china-deng-xiaoping-era-ends-with-start-of-xi-era/>>. Acesso em 20 out. 2019.

A aliança entre Hanói e Moscou e a mobilização soviética de outros países para isolar a China fizeram com que Xiaoping enfrentasse a possibilidade real de uma guerra futura em duas frentes. O que ele pretendia, no entanto, era criar um ambiente regional e internacional estável para realizar reformas domésticas. Seu plano consistia em aplicar uma “lição” ao Vietnã, uma espécie de “expedição punitiva”, nos moldes da empreendida por Theodore Roosevelt no México, minimizando a possibilidade de um conflito mais amplo ou um envolvimento sério com a URSS. Ele calculou que, desde que seus objetivos militares fossem limitados e modestos, os soviéticos não iriam deslocar forças militares substanciais para a região, na época comprometidas com a defesa da Europa Oriental, integradas ao Pacto de Varsóvia.⁴ Uma guerra curta também limitaria o custo, sendo suficiente para ensinar ao Vietnã a “lição” necessária. Quanto ao Ocidente, Xiaoping avaliou corretamente que não haveria intervenção dos EUA.

⁴ O Pacto de Varsóvia foi um acordo militar firmado em 14 de maio de 1955, estabelecendo uma aliança entre os países socialistas do leste europeu (Hungria, Romênia, Alemanha Oriental, Albânia, Bulgária, Tchecoslováquia e Polônia) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

TENSÕES GEOPOLÍTICAS NA ÁSIA

Desde o início da luta contra o domínio colonial francês, e antes do conflito contra os EUA e o Vietnã do Sul, ocorrido em seguida, a República Popular da China apoiou os comunistas vietnamitas, proporcionando abrigo e fornecendo armas para o movimento do Viet Minh⁵, além de assistência militar e econômica, mais tarde, para o Vietnã do Norte. Já durante a guerra contra os norte-americanos, no entanto, surgiram as primeiras desavenças entre as duas nações comunistas: a visita do presidente americano Richard Nixon a Beijing, em 21 de fevereiro de 1972, e a posterior aproximação diplomática entre os dois países, trouxe apreensão ao governo de Hanói, preocupado que os chineses pudessem melhorar as relações comerciais com os EUA e abandonar o apoio à sua luta pela reunificação do Vietnã (KARNOW, 2006).

Por outro lado, o governo de Beijing estava inquieto com o aumento da ajuda militar e o envio de tropas vietnamitas em apoio ao movimento do Pathet Lao⁶, envolvido em uma sangrenta guerra civil no vizinho Laos, temendo que este fosse o princípio de uma ampliação da influência de Hanói no país vizinho (QUINCY, 2000).

Os atritos entre Hanói e Beijing, foram absorvidos pelo conflito mais amplo entre a China e a URSS, surgido na década de 1950 após a morte de Stalin, e a rejeição dos princípios do stalinismo por seu sucessor Nikita Khrushchev.⁷ O conflito transformou-se em crise aberta entre os dois países

⁵ O Viet Minh foi um movimento revolucionário de libertação nacional, criado por Hồ Chí Minh em 1941, na China, para obter a independência do Vietnã da França e, durante a Segunda Guerra Mundial, quando a França fora ocupada pela Alemanha, para se contrapor à ocupação japonesa (1940-1945). Inicialmente formado apenas por comunistas, mais tarde o movimento acabou por se abrir a outras filiações políticas.

⁶ O Pathet Lao foi um movimento político, nacionalista e comunista organizado no Laos e formado em meados do século XX. A organização assumiu o poder no país após uma guerra civil, que durou dos anos 1950 até 1975. O grupo político sempre esteve proximamente associado aos comunistas vietnamitas e, durante a guerra civil, foi efetivamente organizado, equipado e muitas vezes liderado pelo exército do Vietnã do Norte.

⁷ Em um discurso de cinco horas, feito a portas fechadas para os delegados do 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética em 1956, o secretário-geral Nikita Khrushchev responsabilizou seu antecessor, Josef Stálin, que governou o país de 1922 até sua morte em 1953, de ter praticado uma política sistemática de tortura e execução de seus opositores no partido. Segundo Khrushchev, os que conseguiam escapar dos fuzilamentos, conforme a denúncia, eram condenados a trabalhos forçados degradantes. Para o líder, aqueles “comunistas honestos e inocentes” haviam sido julgados sumariamente com base em confissões obtidas sob tortura, prática generalizada e até estimulada por Stalin.

no final da década seguinte, após o desencadeamento da Grande Revolução Cultural na China.⁸ As disputas políticas e doutrinárias entre as duas potências deram origem a uma série de escaramuças entre tropas chinesas e soviéticas, entre março e setembro de 1969, ao longo do rio Ussuri e em outras partes da fronteira disputada entre as duas nações (FARLEY, 2019).

O Vietnã do Norte havia tentado manter uma posição de neutralidade na disputa sino-soviética, em parte porque ambos os países se comprometeram a apoiá-lo com ajuda econômica e militar para lidar com o prolongado conflito contra os EUA e o Vietnã do Sul. O fim da guerra e a reunificação do Vietnã em abril de 1975, no entanto, começaram a perturbar o tênue equilíbrio geopolítico na região. A reivindicação de um papel de potência regional pelo Vietnã foi considerada inaceitável pela China e, em resposta, a liderança de Hanói buscou uma progressiva aproximação com a URSS, que culminou com a assinatura de um tratado de amizade e cooperação em novembro de 1978 (MONTESSORO, 2004).

A questão do Camboja agravou as tensões entre Hanói e Beijing. O novo regime maoísta do Khmer Vermelho de Pol Pot⁹ assumiu o governo em Phnom Penh, ao fim de uma sangrenta guerra civil, e reabriu velhas disputas territoriais com o Vietnã, culminando em batalhas e escaramuças entre as forças cambojanas e vietnamitas no curso do ano de 1976. No ano seguinte, em resposta a novas incursões transfronteiriças do Khmer Vermelho, o Exército Popular do Vietnã desencadeou ofensiva maciças no leste do Camboja (ROTTMAN, 1999).

Em fevereiro de 1978, enquanto o Khmer Vermelho procurava fortalecer seu poder militar com a ajuda da China, o Comitê Central do Partido Comunista do Vietnã ordenou a elaboração de planos para invadir o Camboja,

⁸ A Grande Revolução Cultural Proletária, conhecida como Revolução Cultural Chinesa, foi uma profunda campanha político-ideológica levada a cabo a partir de 1966 pelo então líder Mao Tsé-Tung, com o objetivo de neutralizar a crescente oposição que lhe faziam alguns setores menos radicais do partido, em decorrência do fracasso do plano econômico Grande Salto Adiante, cujos efeitos resultaram na morte de milhões de pessoas devido à fome generalizada, conhecida como “a grande fome chinesa”. A campanha foi acompanhada por vários episódios de violência, instigada principalmente pela Guarda Vermelha, por grupos de jovens oriundos dos mais diversos setores, que, organizados nos chamados “comitês revolucionários”, atacavam aqueles suspeitos de deslealdade política ao regime, à figura de Mao e ao Maoísmo.

⁹ Khmer Vermelho foi o nome dado aos seguidores do Partido Comunista da Kampuchea, partido governante no Camboja de 1975 a 1979, liderado por Pol Pot. O regime liderado pelo Khmer Vermelho entre 1975 e 1979 foi conhecido como Kampuchea Democrático.

com o propósito de derrubar o regime de Pol Pot (ROTTMAN, 1999). A ação foi desencadeada no início de dezembro de 1978, quando 350 mil soldados vietnamitas invadiram o Camboja e, graças a uma esmagadora superioridade em veículos blindados, artilharia e aviões de combate, lograram destruir as principais forças de combate do Khmer Vermelho. No dia 7 de janeiro de 1979 os vietnamitas tomaram Phnom Penh e instalaram um governo fantoche que lhes era favorável, a República Popular de Kampuchea, enquanto Pol Pot e os remanescentes de seu movimento se refugiavam nas regiões ocidentais, formando um movimento de resistência contra os invasores (ROTTMAN, 1999).

No dia 1º de Janeiro de 1979, Deng Xiaoping visitou os EUA pela primeira vez, e, na oportunidade, teria confidenciado ao presidente americano Jimmy Carter: "Nosso amiguinho [Vietnã] está ficando impertinente, é hora de ele ser espancado" (LIANG, 1989).

A captura de Phnom Penh pelos vietnamitas provocou a ira da China, e, em 15 de fevereiro de 1979, Xiaoping anunciou que a China estava pronta para liderar uma "expedição punitiva" contra o Vietnã, sob o pretexto da alegada perseguição a que foram objeto os vietnamitas de origem chinesa da etnia Hoa, e a disputa territorial sobre o controle das Ilhas Spratly, reivindicadas tanto pela China como pelo Vietnã.¹⁰ O líder chinês não acreditava que a URSS seria capaz de ajudar seus aliados no Vietnã, mas, como precaução, uma quantidade significativa de forças chinesas foi desdobrada junto à fronteira soviética (PAO-MIN, 1985).

A GUERRA IRROMPE

De acordo com observadores ocidentais, o conflito foi provocado e iniciado pelos chineses para atender seus objetivos políticos (THAYER, 1987). A China apoiou a minoria étnica organizada na Frente Unida pela Liberação de

¹⁰ A disputa das Ilhas Spratly é uma disputa territorial ainda em andamento entre China, Taiwan, Malásia, Filipinas e Vietnã, relativa à soberania pelas Ilhas Spratly, um grupo de ilhas e aos recursos marítimos a elas associados (arrecifes, corais, bancos, enseadas etc.), localizados no mar do Sul da China. A disputa é caracterizada por um impasse diplomático e pelo emprego de técnicas de pressão militar, como ocupação do território disputado e o avanço de reivindicações territoriais nacionais. Ver PAGE, Jeremy. China building airstrip in Spratly Islands, satellite images show. *The Wall Street Journal*, New York, 16 abr. 2015.

Raças Oprimidas (FULRO) contra o Vietnã¹¹, e, diante do levante perpetrado por ela, os vietnamitas executaram indiscriminadamente colaboradores que trabalhavam para os chineses, independentemente da etnia (O'DOWD, 2007). Em contrapartida, os chineses receberam uma quantidade substancial de desertores da minoria étnica de Thu Lao, e, durante a guerra, receberam como migrantes toda a população baseada em A Lu, da minoria étnica Phu La (ITO, 2013). Tantos desertores de minorias étnicas aderentes à China provocaram tensões junto ao governo do Vietnã, que precisou lançar um novo esforço para reafirmar o domínio sobre elas e classificá-las. Pressionada pelos vietnamitas, a minoria Hmong solicitou assistência à China, e a fronteira passou a ser frequentemente violada pelos chineses das etnias Lao, Kinh, Hmong, Yao, Nung e Tai. Nesse processo, tanto os Hmong laotianos e os milicianos da FULRO receberam apoio da China e da Tailândia contra o Vietnã (O'DOWD, 2007).

A China, agora sob a liderança de Xiaoping, estava iniciando um período de reformas econômicas e abrindo o comércio com o Ocidente, o que a levou a uma posição cada vez mais desafiadora perante a URSS. Em 3 de novembro de 1978, os soviéticos e os vietnamitas assinaram um tratado de defesa mútua com prazo de 25 anos, o que tornou o Vietnã o "elemento-chave" do impulso de conter a China na URSS (SCALAPINO, 1972).

A razão alegada para o ataque chinês contra o Vietnã foi a necessidade de apoiar o Khmer Vermelho do Camboja, aliado da China; os maus tratos impostos à minoria étnica chinesa pelo governo do Vietnã; além da ocupação vietnamita das Ilhas Spratly, reivindicadas por Beijing. Para evitar a intervenção soviética em nome do Vietnã, Xiaoping advertiu Moscou que, caso fosse necessário, a China estava preparada para uma guerra em larga escala contra a URSS. Na preparação para essas possibilidades de conflito, os chineses desdobraram todas as tropas disponíveis junto à fronteira sino-soviética, estabelecendo um alerta de emergência; organizando um novo

¹¹ A insurgência FULRO contra o Vietnã foi travada pela Frente Unida para a Libertação das Raças Oprimidas (em francês *Frente Uni de Lutte des Races Opprimées*; abreviada de FULRO) contra os governos sul e norte-vietnamitas e a República Socialista do Vietnã. Os insurgentes FULRO representavam os interesses das minorias muçulmana e hindu Cham, montanhese cristãos e do líder budista Khmer Krom contra a etnia Kinh vietnamita. Eles foram apoiados e equipados pela China e pelo Camboja, de acordo com os interesses desses países nas guerras da Indochina.

comando militar, com sede em Xinjiang; e evacuando cerca de 300 mil civis da zona fronteira (PAO-MIN, 1985).

FORÇAS OPONENTES

As forças chinesas compreendiam unidades das Regiões Militares de Kunming, Chengdu, Wuhan e Guangzhou, com quartéis-generais em Kunming, na Frente Ocidental, e Guangzhou, na Frente Oriental. Ao todo, as forças chinesas estavam reunidas em dez Corpos de Exército. Embora o Exército de Libertação do Povo (ELP) chinês excedesse em muito as forças vietnamitas, a aliança soviético-vietnamita obrigou os chineses a mobilizar a maioria de suas forças ao longo da fronteira Norte da China com a URSS, assim como, em menor escala, junto à Mongólia, aliada dos soviéticos, em um dispositivo que visava coibir uma possível intervenção da superpotência. Na ocasião, a maior parte das forças ativas da China – cerca de um milhão e meio de soldados – estava estacionada ao longo da fronteira sino-soviética (SCALAPINO, 1986).

Algumas tropas chinesas enviadas para a guerra, especialmente unidades especializadas, de engenharia, ferroviárias, logísticas e antiaéreas, tinham sido designadas para apoiar o Vietnã do Norte em sua guerra contra o Vietnã do Sul poucos anos antes, durante a Guerra do Vietnã, e já contavam com experiência de combate. Mas, contrariamente à crença de que mais de 600 mil soldados chineses haviam atuado no Vietnã do Norte, o número real foi de apenas 200 mil, embora 600 mil soldados chineses tivessem efetivamente sido mobilizados. Desses, 400 mil foram desdobrados em locais distantes de suas bases originais. Essa movimentação de tropas chinesas foi observada por satélites espíões dos EUA. Em sua visita aos EUA em 1979, Deng Xiaoping foi confrontado com esta informação, e respondeu que os números eram absolutamente corretos. Após a confirmação pública nos EUA, a mídia chinesa doméstica foi finalmente autorizada a relatar o desdobramento de suas tropas.

Os generais de Deng Xiaoping planejaram atacar o Vietnã com mais de 200 mil soldados, com a intenção de capturar – em um movimento rápido – seis capitais regionais em poucos dias, após o que a vitória seria declarada publicamente. Foi exatamente nessa formulação de objetivos que o plano chinês começou a dar errado. As forças vietnamitas eram altamente

organizadas e possuíam considerável experiência em combate, nas prolongadas guerras no Camboja, e contra os japoneses, franceses e norte-americanos. As táticas chinesas estavam desatualizadas e suas forças sofriam com baixos níveis de organização e logística inadequada. Longe de repetir os sucessos da Guerra Sino-Indiana de 1962¹², os chineses tiveram seu avanço obstruído e sofreram pesadas baixas. Não foi a campanha rápida e decisiva que os generais haviam previsto e Xiaoping esperava. Eventualmente, e com grande esforço, os chineses capturariam apenas três das capitais regionais planejadas.

O ELP desdobrou suas forças em duas Frentes, uma Oriental e outra Ocidental. O Comando da Frente Oriental de Guangxi, sob as ordens do general Xu Shiyou foi organizado com quatro Exércitos de Campanha, de acordo com o Quadro 1:

Quadro 1 – Ordem de batalha do Comando da Frente Oriental de Guangxi do ELP

EXÉRCITO NORTE	EXÉRCITO SUL	EXÉRCITO LESTE
41º Corpo de Exército	42º Corpo de Exército	55º Corpo de Exército
121ª Divisão de Infantaria 122ª Divisão de Infantaria 123ª Divisão de Infantaria	124ª Divisão de Infantaria 125ª Divisão de Infantaria 126ª Divisão de Infantaria	163ª Divisão de Infantaria 164ª Divisão de Infantaria 165ª Divisão de Infantaria 1ª Divisão de Artilharia

¹² A Guerra Sino-Indiana foi um conflito entre a República Popular da China e a Índia. A causa inicial do conflito foi o litígio em uma região no Himalaia, em Arunachal Pradesh, conhecida na China como Tibete do Sul. A guerra caracterizou-se pelo ambiente operacional de montanha, em altitudes superiores a 4 mil metros, o que acarretou problemas logísticos para ambos os beligerantes. Após o cessar-fogo, as tropas chinesas fizeram um recuo unilateral até as posições onde se encontravam no início do conflito, criando uma área desmilitarizada. Os resultados do breve conflito provocaram mudanças generalizadas nas Forças Armadas Indianas, com o objetivo de prepará-las para conflitos semelhantes no futuro, e colocaram em posição politicamente difícil o primeiro-ministro da Índia, Jawaharlal Nehru, acusado de não haver previsto a invasão chinesa.

EXÉRCITO DE RESERVA (Oriundo da Região Militar de Wuhan)		
43º Corpo de Exército	54º Corpo de Exército	50º Corpo de Exército
127ª Divisão de Infantaria 128ª Divisão de Infantaria 129ª Divisão de Infantaria	160ª Divisão de Infantaria 161ª Divisão de Infantaria 162ª Divisão de Infantaria	148ª Divisão de Infantaria 150ª Divisão de Infantaria 58ª Divisão de Infantaria
FORÇAS REGIONAIS PROVINCIAIS	FORÇA AÉREA DA REGIÃO MILITAR DE GUANGZHOU	217ª FROTA DO MAR DO SUL
1º Regimento de Defesa de Fronteira 2º Regimento de Defesa de Fronteira 3º Regimento de Defesa de Fronteira Divisão de Infantaria Independente da Região Militar de Guangxi	7º Corpo da Força Aérea 13ª Divisão da Força Aérea 70ª Divisão de Artilharia Antiaérea	8ª Divisão de Aviação Naval Tropas independentes Regimento Independente de Tanques da Região Militar de Guangzhou 83º Regimento de Embarcações 84º Regimento de Embarcações

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em CHEN, King. China's war against Vietnam, 1979: a military analysis. *Occasional Papers - reprint Series in Contemporary Asian Studies*, Maryland, n. 5, p. 1-32, 1983.

Liderado pelo general Yang Dezhi, o Comando da Frente Ocidental de Yunnan possuía estrutura ligeiramente menor, sintetizada no Quadro 2:

Quadro 2 – Ordem de batalha do Comando da Frente Ocidental de Yunnan do ELP.

11º EXÉRCITO	13º EXÉRCITO	14º EXÉRCITO
31ª Divisão de Infantaria 32ª Divisão de Infantaria	37ª Divisão de Infantaria 38ª Divisão de Infantaria 39ª Divisão de infantaria	40ª Divisão de Infantaria 41ª Divisão de Infantaria 42ª Divisão de Infantaria 149ª Divisão de Infantaria

FORÇAS REGIONAIS PROVINCIAIS	5º CORPO DA FORÇA AÉREA
11º Regimento de Defesa de Fronteira 12º Regimento de Defesa de Fronteira 13º Regimento de Defesa de Fronteira 14º Regimento de Defesa de Fronteira 1ª Divisão de Guarnição da Região Militar de Chengdu 65ª Divisão de Artilharia Antiaérea 4ª Divisão de Artilharia Regimento de Tanques Independente da Região Militar de Kunming 86º Regimento de Embarcações 23ª Base Logística 17º Regimento Motorizado 22º Regimento Motorizado	44ª Divisão de Força Aérea 15ª Divisão de Artilharia Antiaérea

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em CHEN, King. China's war against Vietnam, 1979: a military analysis. *Occasional Papers - reprint Series in Contemporary Asian Studies*, Maryland, n. 5, p. 1-32, 1983.

No campo oposto, o Governo Vietnamita admitiu possuir uma força de apenas 70 mil homens, embora as estimativas chinesas indicassem mais que o dobro desse efetivo esteve envolvido em combate, se consideradas as milícias locais. Algumas forças vietnamitas chegaram a utilizar equipamentos militares norte-americanos capturados durante a Guerra do Vietnã. As forças do Exército do Povo do Vietnã (VPA) estavam organizadas conforme o quadro 3:¹³

¹³ Por se tratarem de línguas orientais, de difícil compreensão no Brasil, as fontes vietnamitas e chinesas serão apresentadas no idioma original, seguidas pela tradução livre entre parêntesis, elaborada pelo autor. Ver Lực lượng phòng thủ của Việt Nam tại biên giới phía Bắc (Forças defensivas do Vietnã na fronteira norte). *VnExpress*, Hanoi, 14 fev. 2014. Disponível em <<https://vnexpress.net/thoi-su/35-nam-cuoc-chien-bien-gioi-phia-bac-2950346-p2.html>>. Acesso em 14 set. 2019.

Quadro 3 – Ordem de batalha do VPA.

1ª REGIÃO MILITAR (Major-general Dam Quang Trung)	2ª REGIÃO MILITAR (Major-general Vu Lap)
<p>Forças principais:</p> <p>3ª Divisão de Infantaria 338ª Divisão de Infantaria 346ª Divisão de Infantaria 325ª Divisão de Infantaria 242ª Brigada de Infantaria</p>	<p>Forças principais:</p> <p>316ª Divisão de Infantaria 345ª Divisão de Infantaria 326ª Divisão de infantaria</p>
<p>Forças locais:</p> <p>567º Regimento de Infantaria 123º Regimento de Infantaria 199º Regimento de Infantaria 43º Regimento de Infantaria 244º Regimento de Infantaria Forças policiais armadas (Guarda de Fronteiras)</p>	<p>Forças locais:</p> <p>122º Regimento de Infantaria 191º Regimento de Infantaria 191º Regimento de Infantaria 254º Regimento de Infantaria 193º Regimento de Infantaria 741º Regimento de Infantaria Forças policiais armadas 16º Regimento Móvel</p>

Fonte: Lực lượng phòng thủ của Việt Nam tại biên giới phía Bắc (Forças defensivas do Vietnã na fronteira norte). *VnExpress*, Hanoi, 14 fev. 2014. Disponível em <<https://vnexpress.net/thoi-su/35-nam-cuoc-chien-bien-gioi-phia-bac-2950346-p2.html>>. Acesso em 14 set. 2019.

Além disso, as forças vietnamitas foram apoiadas por cerca de 50 mil soldados de milícias, em cada região militar. Comandava as forças vietnamitas o general Văn Tiến Dũng, experiente oficial que havia participado ativamente da luta contra japoneses, franceses e norte-americanos (LANNING; CRAG, 2008).

O CONFLITO SE DESENVOLVE

A partir de janeiro de 1979 as forças chinesas realizaram numerosas atividades de reconhecimento em força¹⁴ na faixa de fronteira e perpetraram,

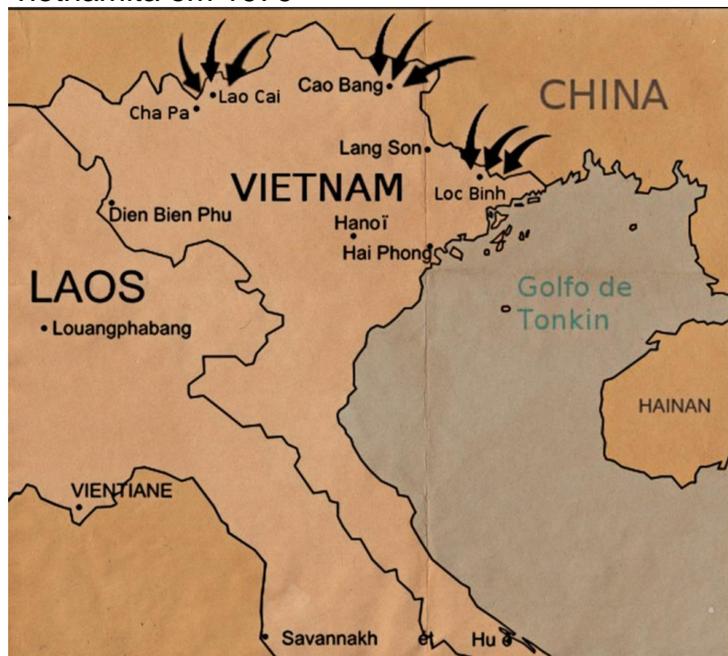
¹⁴ O reconhecimento em força é uma operação de objetivo limitado, com a finalidade de pôr à prova o dispositivo, meios, composição e pontos fracos do inimigo e/ou obter outras informações. Embora sua finalidade primária, como o próprio nome indica, seja o reconhecimento, este tipo de ação permite descobrir pontos fracos do inimigo, cujo conhecimento é importante para o planejamento de futuras operações ofensivas.

segundo a avaliação dos vietnamitas, 230 violações contra seu território. Para se preparar para uma possível invasão chinesa, o Comitê Militar Central do Partido Comunista do Vietnã ordenou que suas tropas estacionadas na faixa de fronteira permanecessem em estado de prontidão (ZHANG, 2015).

Em 17 de fevereiro de 1979, uma força do ELP composta por cerca de 200 mil soldados, apoiada por duzentos carros de combate Tipo 59, Tipo 62 e Tipo 63, invadiu o Norte do Vietnã, na primeira grande operação de combate dos chineses desde o final da Guerra da Coréia em 1953 (CHINA DEFENCE, 2010).

A Frente Ocidental, comandada pelo general Xu Shiyou, tinha como objetivo conquistar as províncias de Cao Bằng, Lạng Sơn e Quảng Ninh (SON, 2015). Desenvolvendo na outra direção, a Frente Oriental, sob as ordens do general Yang Dezhi, tinha o propósito de atacar as províncias vietnamitas de Ha Tuyen, Hoang Lien Son e Lai Châu. A figura 2 assinala as principais ações ofensivas chinesas contra o território vietnamita, evidenciando o caráter fronteiriço da guerra.

Figura 2 - Principais ações ofensivas chinesas contra o território vietnamita em 1979



Fonte: DAMIANI, Matteo. 38 stunning images of the Sino-Vietnamese War. *China Underground*, Beijing, 9 abr. 2016. Disponível em <<https://china-underground.com/2016/04/09/sino-vietnamise-war-images/>>. Acesso em 2 out. 2019.

O Vietnã mobilizou rapidamente todas as suas principais forças no Camboja, no Sul e no Centro do Vietnã, para socorrer a emergência em sua fronteira Norte. Entre 18 e 25 de fevereiro, a 327ª Divisão de Infantaria do Distrito Militar 3 e a 337ª Divisão de Infantaria do Distrito Militar 4 foram apressadamente enviadas para o Distrito Militar 1, com o propósito de defenderem a região Noroeste. Entre 6 e 11 de março, diante da emergência, o 2º Corpo de Exército, estacionado no Camboja, foi enviado às pressas de volta a Hanói. A 372ª Divisão Aérea, baseada na região central do Vietnã, assim como os 917º, 935º e 937º Regimentos Aéreos, baseados no Sul do Vietnã, também foram rapidamente mobilizados para atender à ameaça na região Norte (SON, 2015).

Enquanto a URSS enviava navios de guerra para o Golfo de Tonkin e fornecia apoio material ao Vietnã, seu governo percebeu que simplesmente não havia como apoiar ostensivamente o país contra a China, visto que a única opção possível seria reiniciar o conflito fronteiriço não resolvido da década anterior. O Vietnã era importante para a política soviética, mas não o suficiente para a URSS ir à guerra novamente (LEGVOLD, 1996). Quando Moscou não interveio diretamente no conflito, Beijing provocou, alardeando publicamente que a URSS havia quebrado uma de suas numerosas promessas de ajudar o Vietnã.

Outra razão pela qual os soviéticos não interviram foi porque Beijing havia prometido tanto a Moscou quanto a Washington que a invasão seria apenas uma guerra limitada, e que as forças chinesas se retirariam após breve incursão. Depois da moderação dos EUA, os soviéticos decidiram adotar uma abordagem de "aguardar para ver", a fim de confirmar se Beijing realmente conduziria sua ofensiva dessa forma, ou se aprofundaria suas tropas no território vietnamita. Em razão de as capacidades antiaéreas do Vietnã estarem entre as melhores do mundo na época, depois de terem sido experimentadas por décadas no conflito contra os franceses e os norte-americanos, e a fim de assegurar a Moscou que estava conduzindo uma guerra limitada, Deng Xiaoping ordenou que sua marinha e sua força aérea permanecessem prudentemente distantes da guerra, prestando apenas apoio limitado (GIN, 2015). Quando Beijing cumpriu o que havia prometido, Moscou não retaliou.

O ELP chinês avançou rapidamente, penetrando cerca de 15 a 20 quilômetros além da faixa de fronteira, com confrontos ocorrendo nas províncias de Cao Bằng, Lao Cai e Lạng Sơn. Os vietnamitas evitaram mobilizar suas divisões regulares, pois pretendiam resguardar uma força de 300 mil homens para a defesa de Hanói, capital do País. O VPA recusou o confronto direto e, consoante com a experiência de sua guerra de resistência contra os EUA, utilizou extensivamente táticas de guerrilha, que produziram um efeito devastador contra os chineses.

O ataque inicial do ELP logo perdeu a impulsão, e uma nova leva de tropas foi enviada, com oito divisões da reserva entrando na linha de batalha. Depois de capturar as alturas do Norte, acima de Lạng Sơn, os chineses cercaram a cidade, no intuito de atrair os vietnamitas para uma batalha decisiva. Depois de três dias de uma luta sangrenta de casa em casa – no melhor estilo de combate em localidade –, Lạng Sơn caiu em 6 de março. Os chineses, então, conquistaram as alturas ao Sul, e ocuparam Sa Pa. Na ocasião, o ELP alegou, com certo grau de arrogância e com claro viés publicitário, ter esmagado várias das unidades regulares do VPA na operação.

RETIRADA CHINESA - A GUERRA INCONCLUSA

Em 6 de março, a China, mesmo sem ter atingido seus objetivos planejados, declarou que as portas de Hanói estavam abertas e declarou que sua missão punitiva havia sido alcançada. No caminho de volta à fronteira com a China, o ELP destruiu toda a infraestrutura e numerosas moradias locais, e roubou os equipamentos e recursos úteis, inclusive o gado, desenvolvendo uma versão asiática contemporânea da estratégia da “terra arrasada”¹⁵ e enfraquecendo severamente a economia das províncias mais setentrionais do Vietnã. O ELP cruzou a fronteira de volta à China na tarde de 16 de março (CHANDA, 1979).

¹⁵ A estratégia denominada "terra arrasada" foi utilizada pela Rússia (e pela URSS) em conflitos contra potências europeias, como a França de Napoleão e a Alemanha Nazista. Consistia, basicamente, na retirada civil e militar do território em conflito, destruindo tudo o que existia, para que a tropa inimiga que adentrasse o território encontrasse recursos escassos e um ambiente hostil.

Ambos os lados declararam vitória, com a China alegando ter esmagado a resistência vietnamita e o Vietnã afirmando ter repellido a invasão, usando, principalmente, milícias de fronteira. Alguns autores asseguram que o Vietnã superou o Exército Chinês no campo de batalha (XIABING, 2007).

A campanha militar certamente não foi a rápida vitória decisiva esperada, mas Xiaoping não mensurava a vitória em termos absolutos. As forças chinesas se retiraram em uma ordem relativamente organizada e anunciaram que o Vietnã havia aprendido uma lição. Embora o conflito não tivesse trazido estabilidade para a fronteira norte com o Vietnã e, em curto prazo, não provocasse a intervenção do Vietnã no Camboja, Hanói se tornou mais dócil.

A breve guerra interpôs um obstáculo no eixo soviético-vietnamita, e demonstrou claramente os limites do tratado entre esses dois países. A recusa dos soviéticos de intervirem na guerra assegurou um comportamento mais cauteloso dos vietnamitas nos anos seguintes. Os limites da preparação soviética para interferir nos assuntos chineses haviam sido testados com sucesso e, pouco depois de se retirar do Vietnã, a China finalizou o Tratado de Estabilidade Sino-Soviético.¹⁶ O prestígio da China no sudeste da Ásia foi reforçado e incentivou a formação de uma sólida associação de nações opostas ao Vietnã.

Com o tempo, o impacto do conflito refletiu-se na economia do Vietnã, pois o país precisou investir pesadamente para se defender contra possíveis agressões chinesas. Mas, após o fracasso soviético no Afeganistão e o enfraquecimento da URSS, Hanói não pôde mais continuar com sua postura agressiva e, finalmente, se retirou do Camboja, em uma paz feita nos termos chineses (MORRIS, 1999).

Embora de curta duração, o conflito foi extremamente custoso para os dois países, tanto econômica, quanto socialmente. A China consumiu 3,45 bilhões de yuans em despesas gerais, o que atrasou a conclusão do plano econômico de 1979-1980 (CHINA, 1980). Após a guerra, a liderança

¹⁶ O Tratado de Amizade, Aliança e Assistência Mútua Sino-Soviético foi uma aliança concluída entre a República Popular da China e a URSS em 14 de fevereiro de 1950. Baseava-se sobre o tratado anterior de mesmo nome, que havia sido arranjado entre a URSS e o Governo nacionalista, em 1945, e foi o produto de negociações prolongadas entre Liu Shaoqi e Josef Stalin.

vietnamita tomou várias medidas repressivas para lidar com o problema da colaboração real ou potencial de suas minorias favoráveis à China.

Na primavera de 1979, as autoridades expulsaram cerca de 8 mil pessoas das etnias Hoa de Hanói para outras regiões do país, sendo reassentadas, parcialmente, as tribos Hmong e outras minorias étnicas das províncias mais setentrionais. Um expurgo foi lançado para limpar o Partido Comunista do Vietnã de elementos pró-chineses e pessoas que haviam se rendido ao avanço das tropas chinesas durante a guerra. Em 1979, um total de 20.468 membros foi expulso do partido (SZALONTAI, 1979).

Embora o Vietnã continuasse a ocupar o Camboja, a China mobilizou com sucesso a oposição internacional contra a ocupação, cooptando líderes, como o rei deposto do Camboja, Norodom Sihanouk, o líder anticomunista cambojano Son Sann, além de membros de alto escalão do Khmer Vermelho, para fazerem um contraponto ao favoritismo vietnamita. A China melhorou as relações com a Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN)¹⁷, prometendo proteção à Tailândia e Cingapura contra uma possível "agressão vietnamita". Em contraste, o decréscimo do prestígio do Vietnã na região levou o país a ser cada vez mais dependente da URSS, para a qual alugou uma base naval na Baía de Cam Ranh (MaCFARQUHAR, 1991).

O número de baixas durante a guerra é controverso e um ponto de discordância entre os dois países (YU, 2009). Fontes vietnamitas alegaram que o ELP sofreu 62.500 baixas totais, e a perda de 550 veículos militares e 115 peças de artilharia (35 NÃM, 2019), enquanto o ativista pela democracia chinês Wei Jingsheng afirmou à mídia ocidental, em 1980, que as tropas chinesas haviam sofrido somente 9 mil mortos e cerca de 10 mil feridos durante a guerra. Vazamentos de fontes militares chinesas indicam que a China sofreu 6.954 mortos (XIAOMING, 2005).

Assim como fizeram seus oponentes chineses, o governo vietnamita nunca quantificou oficialmente suas baixas em combate. A China, no entanto, estimou que o Vietnã perdeu 57 mil soldados e 70 mil milicianos durante a

¹⁷ A Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) é uma organização regional de segurança coletiva composta por Estados do Sudeste asiático instituída em 8 de agosto de 1967. A ASEAN engloba 12 nações: dez delas são países-membros e duas são observadores em processo de adesão ao grupo. Em sua formação original, a organização era composta por Indonésia, Malásia, Filipinas, Singapura e Tailândia. Desde então, Brunei, Myanmar, Camboja, Laos e Vietnã uniram-se à organização.

guerra. O jornal oficial *Nhân Dân* afirmou que o Vietnã sofreu mais de 10 mil mortes de civis durante a invasão chinesa (35 NĂM, 2019). Diante de tantos números controversos e em desacordo, não é possível quantificar precisamente o custo humano da guerra, mas pode-se avaliar que foi grande para ambos os contendores. Por ocasião do término da guerra, os chineses mantinham 1.636 prisioneiros vietnamitas e estes detinham 238 chineses. Todos foram trocados entre maio e junho de 1979 (CHAN, 1989).

UM OLHAR ESTRATÉGICO SOBRE A GUERRA

Em uma perspectiva estratégica, é possível fazer uma avaliação acerca do conflito de curta duração. Do ponto de vista chinês, a guerra de 1979 com o Vietnã foi uma resposta militar à política vietnamita em relação à China e sua expansão no sudeste da Ásia, bem como às aspirações globais soviéticas. Como Deng Xiaoping enfatizou, em 19 de fevereiro de 1979, a invasão do Vietnã no Camboja demonstrou, pelo menos, que alguns dos países signatários da ASEAN se encontravam sob ameaça, e a URSS poderia usar o Vietnã para criar um sistema de segurança coletiva asiático para conter a China. Sob a perspectiva do líder chinês, embora a ação da China para ensinar uma lição ao Vietnã tivesse começado, tratava-se de uma operação limitada, a ser confinada na região de fronteira com um objetivo simples – advertir o Vietnã a não ser imprudentemente agressivo na região, em um caráter eminentemente geopolítico.

O líder chinês relacionou a guerra da China com o Vietnã à política da Indochina de Hanói, mas não afirmou que o objetivo estratégico de Beijing era obrigar o Vietnã a se retirar do Camboja. Consequentemente, o desempenho do ELP deve ser avaliado a partir de uma perspectiva que examina até que ponto a guerra de 1979 serviu aos interesses estratégicos da China.

Por outro lado, o conflito não produziu consequências internacionais significativas para a China. No Camboja, a invasão não apenas permitiu que o Khmer Vermelho escapasse da aniquilação total, mas também encorajou as diferentes forças políticas a formular uma aliança conjunta contra a ocupação vietnamita como um movimento legítimo. A ocupação vietnamita do Camboja, que ameaçava a Tailândia, permitiu o crescimento contínuo da forte coalizão

de oposição dos países da ASEAN contra o Vietnã. Quanto à relação sino-americana, a invasão punitiva da China pareceu particularmente bem-sucedida. Washington condenou publicamente a invasão do Vietnã no Camboja e a invasão da China no Vietnã, mas compartilhou os interesses chineses no sentido de conter a influência soviética no Sudeste da Ásia. A disposição de Beijing de usar a força, independentemente das baixas sofridas, fez da China um valioso impedimento ao expansionismo soviético-vietnamita. Assim, Washington continuou a procurar um relacionamento próximo com a China para oferecer um contraponto à URSS.

CONCLUSÃO

As escaramuças fronteiriças continuaram ao longo da década de 1980, incluindo uma mais significativa, em abril de 1984, e uma batalha naval perto da Ilhas Spratly, em 1988, que ficou conhecida como a emboscada do recife Sul de Johnson (KOO, 2009). O conflito armado só terminou efetivamente em 1989, depois que os vietnamitas concordaram em se retirar totalmente do Camboja. Ambas as nações planejaram a normalização de suas relações em uma cúpula secreta realizada em Chengdu, em setembro de 1990, e retomaram oficialmente as relações diplomáticas somente em novembro de 1991 (JOYAUX, 1994).

Em 1999, após muitos anos de negociações, a China e o Vietnã assinaram um pacto de fronteira (BENNET-JONES, 2000). Houve um ajuste no desenho da fronteira terrestre, tendo o Vietnã cedido à China parte de seu território que havia perdido durante a guerra, incluindo o Portão Ai Nam Quan – tradicional marco de fronteira e ponto de entrada entre o Vietnã e a China – o que causou protestos e frustração generalizada no Vietnã. Em janeiro de 2009, a demarcação da fronteira foi oficialmente concluída, assinada pelo vice-ministro das Relações Exteriores Vu Dung, no lado vietnamita, e seu contraparte, Wu Dawei, representando o Governo chinês. As ilhas Paracel (chamadas Hoàng As, no Vietnã, e Xīshā, na China) e Spratly (Trường As, na língua vietnamita, e Nansha, entre os chineses), no entanto, continuam sendo um ponto de discórdia e de tensão entre os dois países (CUTLER, 2009).

A liderança chinesa acreditava que Beijing havia alcançado plenamente seus objetivos. Em 16 de março, discursando no Grande Salão do Povo, diante de líderes partidários, funcionários do governo e militares, Xiaoping declarou a "vitória" da China sobre o Vietnã. Ele acreditava que a guerra havia impulsionado o prestígio e a influência do País no mundo, provando que a China tinha condições materiais e poderio para sustentar suas posições diplomáticas, e que a guerra era importante para conter a hegemonia soviética na Ásia. Xiaoping também acreditava que a guerra havia inspirado o povo chinês a mudar o foco de seu trabalho, atentando para a necessidade de reformas econômicas. Nessa perspectiva, os chineses teriam atendido o princípio formulado por Clausewitz de que "a guerra é a continuação da política por outros meios" (CLAUSEWITZ, 1979).

Poucos observadores ocidentais, contudo, avaliaram os resultados da guerra nos mesmos termos de Xiaoping. A campanha militar revelou as deficiências do ELP em doutrinas e táticas modernas, embora, do começo ao fim, a China detivesse a iniciativa e o ritmo do conflito. Os analistas pontuaram que a China alcançou alguns objetivos relevantes: instalações militares e civis vietnamitas na área de fronteira haviam sido completamente destruídas, o ELP infligiu baixas significativas em algumas unidades regulares vietnamitas, tropas haviam adquirido valiosa experiência de combate. Mas, por outro lado, a China havia perdido mais de seu poder militar do que havia ganhado. No geral, a guerra provou que o ELP atuou como uma força pouco eficaz. Outras avaliações enfatizaram que a força de combate do VPA, equipado com modernas armas soviéticas, superou o inexperiente ELP. No entanto, a falta de transparência nas instituições militares da China e do Vietnã tornou essas avaliações mais especulativas e ideológicas do que factuais. Embora os relatos de combate fossem frequentemente contaminados com propaganda política, ignorá-los significava que os pesquisadores perdiam a oportunidade de obter uma análise isenta, marcada por um inadvertido viés pró-vietnamita (LI, 2007).

Os historiadores que se dedicam ao estudo da curta guerra fronteira de 1979, com os quais se alinha este autor, há muito tempo concluíram que a invasão chinesa ao norte do Vietnã – uma tentativa de exercer algum controle sobre a expansão vietnamita na Indochina – foi uma ação inconclusiva. Forças

chinesas imensamente superiores viram-se diante de uma resistência determinada por tropas vietnamitas experimentadas, capazes de desenvolver bem sucedidas táticas de guerrilha. Após pesadas perdas, as forças chinesas recuaram de volta para seu território, através da fronteira, para nunca mais perturbarem a paz na região.

O clássico aforisma de Sun Tzu, "conheça o inimigo e conheça a si mesmo"¹⁸, é um princípio fundamental da estratégia militar chinesa. Tradicionalmente, o ELP mantinha um ativo programa de autoavaliação, com o propósito de estar plenamente consciente de seus pontos fortes e fracos. Deng Xiaoping reconheceu que a invasão do Vietnã foi uma oportunidade notável para o ELP se aperfeiçoar, já que muitas tropas adquiriram experiência de combate. Logo após o término das operações militares, ordenou que os comandantes de todas as forças militares envolvidas no conflito escrevessem resumos de suas experiências de combate, para registrar as lições aprendidas. Seis anos depois, o Partido Comunista chinês propôs modificações profundas no ELP, atestando que os ensinamentos de 1979 não tinham sido esquecidos, e pavimentando a estrada para a estruturação de forças armadas renovadas e revigoradas, capazes de darem sustentação à potência emergente.

A última guerra da China, hoje uma potência mundial de primeira linha e em franco processo de crescimento na geopolítica mundial, terminou sem um vencedor claramente definido e com resultados militares questionáveis, mas abriu o caminho para uma desafiadora transição entre os séculos XX e XXI, quando a China se apresenta como protagonista no cenário mundial.

REFERÊNCIAS

35 NĂM cuộc chiến biên giới phía Bắc (35 anos da guerra na fronteira norte). *Vietnam Express*. Disponível em <<https://vnexpress.net/customize/chien-tranh-viet-trung/>>. Acesso em 12 set. 2019.

BENNET-JONES, Owen. China-Vietnam pact signed. *BBC News*, London, 25 dez. 2000. Disponível em <<http://news.bbc.co.uk/2/hi/asia-pacific/1086867.stm>>. Acesso em 13 set. 2019.

¹⁸ O general chinês Sun Tzu (544 a.C.-496 a.C.) foi um estrategista e filósofo da guerra mais conhecido por seu tratado militar, *A arte da guerra*, composto por 13 capítulos de estratégias militares. Ver TZU, Sun. *A arte da Guerra: por uma estratégia perfeita*. São Paulo: Madras, 2005.

CHAN, Gerald. *China and international organizations: participation in non-governmental organizations since 1971*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

CHANDA, Nayan. End of the battle but not of the war. *Far Eastern Economic Review*, Hong Kong, 16 mar. 1979.

CHEN, King. China's war against Vietnam, 1979: a military analysis. *Occasional Papers - reprint series in contemporary Asian Studies*, Maryland, n. 5, p. 1-32, 1983.

CHINA comemora 70 anos com grande desfile militar. *Agência Brasil*, Brasília, 1 out. 2019. Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2019-10/china-comemora-70-anos-com-grande-desfile-militar-0>>. Acesso em 16 out. 2019.

CHINA "Should Learn from its Losses" in the war against Vietnam. *Radio, People's Republic of China*, apud. BBC Summary of World Broadcasts, 22 fev. 1980.

CHINA DEFENSE. The political history of Sino-Vietnamese War of 1979, and the chinese concept of active defense. *Wayback Machine*. Disponível em <http://www.china-defense.com/history/sino-vn_1/sino-vn_1-1.html> Acesso em 10 jan. 2010.

CHING, Frank. China: Deng Xiaoping era ends with start of Xi era. *Ejinsight*, Hong Kong, 6 set. 2018. Disponível em <<http://www.ejinsight.com/20180906-china-deng-xiaoping-era-ends-with-start-of-xi-era/>>. Acesso em 20 out. 2019.

CLAUSEWITZ, Carl von. *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

CUTLER, Thomas. *The battle for the Paracel Islands*. Annapolis: Naval Institute Press, 2009.

DAMIANI, Matteo. 38 stunning images of the Sino-Vietnamese War. *China Underground*, Beijing, 9 abr. 2016. Disponível em <<https://china-underground.com/2016/04/09/sino-vietnamise-war-images/>>. Acesso em 2 out. 2019.

DEZHI Yang. *List.Eiki*. Disponível em <https://list.wiki/Dezhi_yang>. Acesso em 20 out. 2019.

FARLEY, Robert. How the Soviet Union and China almost started World War III. *The National Interest*. Disponível em <<https://nationalinterest.org/feature/how-the-soviet-union-china-almost-started-world-war-iii-15152>>. Acesso em 13 set. 2019.

GALANTE, Alexandre. China planeja construir 18 bases navais no exterior, inclusive na Namíbia. *Poder Naval*, 23 nov. 2014. Disponível em <<https://www.naval.com.br/blog/2014/11/23/china-planeja-construir-18-bases-navais-no-exterior-inclusive-na-namibia/>>. Acesso em 20 out. 2019.

GIN, Christopher. *How China wins: a case study of the 1979 sino-vietnamese war*. 2015. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares) - U.S. Army Command and General Staff College, Fort Leavenworth. 2015.

ITO, Masako. *Politics of ethnic classification in Vietnam*. Kyoto: Kyoto University Press, 2013.

JOYAUX, François. *La tentation impériale: politique extérieure de la Chine depuis 1949*. Paris: Imprimerie Nationale, 1994.

KARNOW, Stanley. *Storia della guerra del Vietnam*. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 2006.

KISSINGER, Henry. *On China*. Toronto: Penguin Canada, 2011.

KOO, Min Gyo. *Island disputes and maritime regime building in East Asia*. Dordrecht: Springer, 2009.

LANNING, Michael; CRAGG, Daniel. *Inside the VC and the NVA: the real story of North Vietnam's Armed Forces*. College Station: Texas A&M University Press, 2008.

LEGVOLD, Robert. The Soviet Union and the Vietnam War. *Foreign Affairs*, Congress, n. 5, v. 75, set./out. 1996.

LI, Xiaobing. *A history of the modern chinese army*. Lexington: The University Press of Kentucky, 2007.

LIANG, Liangxing. *China's Foreign Relations: A Chronology of Events (1949-1988)*. Beijing: Foreign Languages Press, 1989.

Lực lượng phòng thủ của Việt Nam tại biên giới phía Bắc (Forças defensivas do Vietnã na fronteira norte). *VnExpress*, Hanoi, 14 fev. 2014. Disponível em <<https://vnexpress.net/thoi-su/35-nam-cuoc-chien-bien-gioi-phia-bac-2950346-p2.html>>. Acesso em 14 set. 2019.

MACFARQUHAR, Roderick. The People's Republic, v. 2. *The Cambridge History of China*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

MACLAREN, James. The Sino-Vietnam War and China's long route to winning. *The Diplomat*, Tokyo, 24 mai. 2019.

McBETH, John. Squeezing the Vietnamese. *Far Eastern Economic Review*, Hong Kong, 19 dez. 1980.

MILITARY history now. *Red vs. Red : China's Bloody Month-Long War With Vietnam*. 1 nov. 2012. Disponível em <<https://militaryhistorynow.com/2012/11/01/red-vs-red-chinas-bloody-month-long-war-with-vietnam/>>. Acesso em 20 out. 2019.

MONTESSORO, Francesco. *The Vietnam Wars*. Villa La Loggia: Giunti, 2004.

MORRIS, Stephen. *Why Vietnam invaded Cambodia: political culture and the causes of war*. California: Stanford University Press, 1999.

O'DOWD, Edward C. *Chinese military strategy in the Third Indochina War: the last maoist war*. Abingdon: Routledge, 2007.

PAGE, Jeremy. China building airstrip in Spratly Islands, satellite images show. *The Wall Street Journal*, New York, 16 abr. 2015.

PAO-MIN, Chang. *Kampuchea between China and Vietnam*. Singapore: Singapore University Press, 1985.

QUINCY, Keith. *Harvesting Pa Chay's wheat: the Hmong and America's secret war in Laos*. Washington: Eastern Washington University Press, 2000.

ROTTMAN, Gordon. *The Army of North Vietnam and the Viet Cong*. Oxford: Osprey Publishing, 1999.

SCALAPINO, Robert. Asia in a global context: strategic issue for the Soviet Union. In: SOLOMON, Richard; KOSAKA, Masataka (orgs.). *The soviet Far East military buildup*. Dover: Auburn House Publishing Company, 1986.

SCALAPINO, Robert A. The political influence of the Soviet Union in Asia. In ZAGORIA, Donald S. *Soviet policy in East Asia*. New Haven: Yale University Press 1982.

SON, Truong. Biên giới phía Bắc 1979: 30 ngày không thể nào quên (Fronteira norte: 1979: 30 dias inesquecíveis). *Soha*, Hanoi, 16 fev. 2015. Disponível em <<https://soha.vn/quan-su/bien-gioi-phia-bac-1979-30-ngay-khong-the-nao-quen-1-20150216095114962.htm>>. Acesso em 13 set. 2019.

SON, Truong. Chiến tranh Biên giới 1979: Cuộc chuyển quân thần tốc (Guerra de Fronteira 1979: A rápida transferência de tropas). *Soha*, Hanoi, 18 fev. 2015. Disponível em <<https://soha.vn/quan-su/chien-tranh-bien-gioi-1979-cuoc-chuyen-quan-than-toc-20150218102449135.htm>>. Acesso em 13 set. 2019.

SZALONTAI, Balazs. Hoàng Văn Hoan và vụ thanh trừng sau 1979 (Hoang Van Hoan e o expurgo após 1979). *BBC Vietnam*, Hanoi, 15 abr. 2010. Disponível em <https://www.bbc.com/vietnamese/vietnam/2010/04/100415_hoangvanhoan.shtml>. Acesso em 13 set. 2019.

THAYER, Carlyle. *Security issues in Southeast Asia: the Third Indochina War*. Canberra: Australian National University, 1987.

THIS person is the Xu Shiyong recruits, had to get one thousand people to get two enemy, the final officer to the deputy national level. *Best China News*, Beijing, 21 jul. 2016. Disponível em <<http://www.bestchinanews.com/History/97.html>>. Acesso em 20 out. 2019.

TZU, Sun. *A arte da Guerra: por uma estratégia perfeita*. São Paulo: Madras, 2005.

WHITSON, William W. *Foreign policy and U.S. national security: major postelection issues*. Santa Barbara: Praeger, 1976.

WONG, Jackson Thein de Souza. A base naval chinesa no Chifre da África como fator de segurança do projeto da nova Rota da Seda. *A Defesa Nacional*, Rio de Janeiro, v. 106, n. 837, ago. 2019.

YU, Zhou. The Sino-Vietnamese War: a scar on the Tropic of Cancer. *Phoenix Weekly*, Phoenix, 5 abr. 2009.

XIABING, Li. *A History of the modern chinese army*. Lexington: University Press of Kentucky. 2007.

XIAOMING, Zhang. China's 1979 War with Vietnam: a reassessment. *The China Quarterly*, v.184, dez. 2005.

ZHANG, Xiaoming. *Deng Xiaoping's long war: the military conflict between China and Vietnam, 1979-1991*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2015.